

**‘MALANDROS, POETAS E DEGENERADOS’’: representações da São Luís pós-abolição na obra de Nascimento Moraes**

Márcia Milena Galdez Ferreira \*

**Resumo**

Busca-se analisar representações da cidade de São Luís no período imediatamente posterior à abolição da escravidão a partir da obra *Vencidos e Degenerados* de autoria do jornalista e literato Nascimento Moraes. Publicada em 1915, o tempo narrativo da obra tem início no dia 13 de maio de 1888, quando a notícia da abolição é aguardada por abolicionistas, letrados e escravos. A narrativa prossegue acompanhando os passos de um jovem mulato, filho natural de escravos e adotado pela família de um jornalista, até sua maturidade. Com fina ironia o autor representa os costumes e tradições de São Luís nos primeiros anos da República interpretando-a a partir do submundo dos poetas, da malandragem da rua e dos grêmios dos jovens escritores que sonhavam reviver a Atenas Brasileira.

**Palavras-chaves:** São Luís, poesia, malandragem

**Abstract**

We seek to analyze the representations of the city of São Luís in the period subsequent to the abolition of the slavery utilizing the work *Vencidos e degenerados*, from the journalist and writer Nascimento Moraes. Published in 1915, the narrative time of the work begins in 13 of May of 1888, when the notice of the abolition is awaited by abolitionists, scholars and slaves. The narrative continues following the steps of a young mulato, natural son of slaves and adopted by the family of a journalist until its maturity. With fine irony, the author represents the customs and traditions of São Luís in the first years of the Republic interpreting it from the underworld of the poets, the hustling of the streets and the guilds of the young writers who dreamed to revive the Atenas Brasileira.

**KEY-WORDS:** São Luís, poetry, hustling.

*“Não é com poucos anos que se transforma uma sociedade e desenraizam preconceitos”*

Em 1915 o jornalista e literato Nascimento Moraes publica a obra *Vencidos e Degenerados*, documento histórico profícuo pela sagacidade da interpretação dos primeiros anos da República, marcada pelo esvaecer de esperanças compartilhadas por libertos, abolicionistas, pensadores e poetas pós 13 de maio de 1888. A ficção traça uma complexa representação da cidade e das relações entre seus múltiplos personagens: libertos e livres, pobres e endinheirados, gente das antigas famílias e gente de “genealogias paupérrimas”, homens de ilustre intelecto e ‘vasilhas ordinárias’ que os escutam ‘de cócoras’, mulheres de vida alegre e moças de família, vencidos e degenerados entre os que teimam em permanecer

---

\* Professora Mestre da Universidade Estadual do Maranhão

na “terra perdida” e os que, esmaecidos pela perseguição, tentam a sorte embarcando no primeiro paquete.

Considerando o literato como sujeito dotado de um olhar privilegiado do social, adentro nas fímbrias da pena de Nascimento Moraes, literato, jornalista, homem de cor e descendente de escravos, que nunca deixou sua terra natal, e parecia não ter, quando da elaboração da obra, crenças na sua redenção. Conforme PESAVENTO (1999. 14)

*A literatura, no caso, anuncia, denuncia ou nega, as formas sociais da existência urbana e as suas formas materiais de expressão. Nesse contexto, o escritor, autor do texto ficcional que ‘diz’ a cidade a seu modo, é o que se chamaria um espectador privilegiado do social, capaz de traduzir, em forma literária -romance, crônica ou poesia- um urbano que poderia ter sido e assume o efeito de real.*

Considero desse modo o discurso ficcional de “Vencidos e degenerados” enquanto testemunho histórico, na medida em que sua escritura é fruto de uma problematização das práticas difundidas e das expectativas frustradas na São Luís na virada do século XIX para o XX. A ficção constrói um “poderia ter sido” dos primeiros anos da república marcado por idéias-imagens de uma cidade decadente na economia<sup>1</sup>, nas letras<sup>2</sup> e nos costumes<sup>3</sup>. A denúncia e ironização do ambiente toscamente provinciano da São Luís republicana talvez sejam encarados pelo literato como missão.

Nesse artigo acompanho o desenrolar da história de vida dos personagens desta ficção histórica, atentando para as nuances de seus passos enquanto livres e libertos. O tempo narrativo se inicia na tarde de 13 de maio de 1888 e adentra os primeiros anos da República, tendo, contudo, digressões recorrentes aos tempos da escravidão vigente.

A notícia da abolição deixa a cidade em alvoroço: nas tavernas imundas bebe-se mais vinho barato que de costume, a alegre embriaguês da liberdade se mescla a cenas corriqueiras de desforra: uma (ex) escrava esbofeteia sua (ex) senhora, patrões vêem suas cozinheiras ir “sem lhes apresentar o jantar”, outras que faziam compras “se vão com dinheiro e balde” .

---

<sup>1</sup> O antropólogo Alfredo Wagner, em trabalho concluído em 1982, analisa discursos de letrados e relatórios de presidentes de província do Maranhão no século XIX e sugere a recorrência de um padrão explicativo da economia do Maranhão, e mais especificamente da agroexportação, num presente de decadência. A tal pensamento de escola denomina “ideologia da decadência”.(ALMEIDA, 1982)

<sup>2</sup> Conforme MARTINS (2006) “Os Novos Atenienses, intelectuais também identificados como decadentistas, cuja atuação desenvolveu-se entre a última década do século XIX e a década de 1920, prosseguiram problematizando a sociedade maranhense, tanto por intermédio de obras específicas em diversos ramos do conhecimento, quanto por meio da imprensa, da política ou da administração. [...] Boa parcela desses intelectuais lidaram com a sensação de impotência que produzia cenários enervantes para uns e de paralisia para outros.” Nascimento Moraes faz parte de tal grupo e o sentido decadentista da obra aqui trabalhada já foi estudado por Martins (2000, pp 63-68)

<sup>3</sup> No romance “O mulato” publicado no início da década de 1880, Aluísio Azevedo constrói uma interpretação irônica e mordaz da sociedade ludovicense do período. Alguns autores como Jean Yves Mérian consideram “Vencidos e degenerados” um documento sociológico do período imediatamente posterior ao trabalhado por Aluísio Azevedo.

Além da ‘confusão dos diabos’, passeatas e discursos não faltam na cidade de “eloqüentes oradores”, saudosos e zelosos da designação de Atenas Brasileira<sup>4</sup> atribuída à cidade de São Luís em meados do século XIX..

Ao mesmo tempo em que representa cenas de efusão dos ex-escravos diante de sua nova situação jurídica, Nascimento Moraes ironiza a permanência de hábitos de servilidade e subordinação hierárquica pelos beneficiários da Lei Áurea diante daqueles que passam a considerar como responsáveis pela abolição: os homens de letras que abraçaram a causa abolicionista. E assim apresenta com sutileza João Olivier, jornalista e abolicionista querido dos pequenos e detestado pelos grandes, que recebe no sábado seguinte ao 13 de maio, em seu lar, o sincero agradecimento de um “mangote de libertos”: - “um abraço, *meu sinhô*”(MORAES, 2000, p 83, grifos meus)

Atenta à multiplicidade de experiências dos homens de cor na passagem da escravidão à liberdade, a pena de Nascimento nos apresenta dois personagens que assistem calmamente à algazarra da cidade. São eles Olímpio e Domingos Aranha, companheiros de casa e profissão e “ligados poderosamente pela cana capim”, respectivamente livre e liberto ao tempo da Abolição. Olímpio, “preto retinto” livre, vivia em uma meia morada de sua propriedade onde exercia o ofício de sapateiro. herdara alguns contos de reis da tia, negra africana da família mina e proprietária de escravos. Aranha, liberto segundo as últimas vontades de seu senhor, a quem acompanhava, como capanga, em conquistas amorosas em “excursões pelo interior da província”, gozava da fama de arruaceiro e valente em todos os bairros da cidade. Assim MORAES (2000, p.41) representa as relações de tal personagem com o cativo:

*Aranha passaria a exercer sobre o ânimo daquele homem uma influência extraordinária. Inteligente, penetrante de espírito compreendera cedo que o seu senhor era um vicioso covarde, uma índole má e perversa e tão miserável que nem tinha coragem de responsabilizar-se pela miséria que derramava a mancheias no lar alheio. Aranha ria de suas fraqueza, pensava e refletia sobre ela, como quem resolve um problema filosófico.*

A inteligência possibilitara a Aranha detectar e desprezar as fraquezas de seu suposto senhor, tomando-o enquanto sujeito amoral, “vicioso covarde” , o que tornava seu pensamento e ação livre de tutela.

Em Zé Catraia, ainda escravo à época da abolição, mas que quase não sentira seus efeitos, Moraes radicaliza a possibilidade do exercício de certa liberdade no cativo . “Era escravo de confiança do seu senhor”, “que mais medo havia dele do que ao diabo”.”tratava-o otimamente, admirava-o e por fim acabara por nada fazer sem o consultar.” (MORAES, 2000,

---

<sup>4</sup> Acerca da construção da tradição da Atenas Brasileira ver Correa (1993) e Borralho (2000)

p 45-46) Orador popular e bêbado inveterado, tudo sabia acerca de todos. Em pesquisas realizadas nas últimas três décadas no Brasil pululam trabalhos que sinalizam as possibilidades de negociação presentes nas relações escravistas. Conforme (SILVA & REIS, 1989, p. 32) “Os escravos não enfrentavam os senhores somente através da força, individual ou coletiva. As revoltas, a formação de quilombos e sua defesa, a violência pessoal, conviviam com estratégias ou tecnologias pacíficas de resistência.” Zé Catraia aparece na obra como espécie de caso limite, invertendo as impressões normalmente assinaladas na literatura como sendo típicas do escravo em relação ao senhor: inspira simultaneamente confiança e temor ao senhor, que o admira e nada faz sem o consultar.

“Nhá Andreza do Aranha”, sua amásia e mãe de seu filho, se libertara “em virtude da Lei” e “se excedera na pândega daquele dia feliz”. A partir da fala de tal personagem Nascimento Moraes apresenta uma das fissuras entre os homens de cor: aquela que separava escravos e livres. Andreza se refere ironicamente a Olímpio (preto livre) como “preto fidalgo” e lhe responde de pronto quando este lhe felicita : “Ora vai te mirar carvão” Ao que Olímpio retruca: “Presunção e água benta...enfim a culpa não é tua, é dos homens que te fizeram igual a mim” (MORAES, 2000,p 49).Quando não há mais distinção jurídica entre pretos nascidos livres, libertos e escravos, Andreza homogeneíza sua condição ao do “preto fidalgo”, referindo-se a um traço que os iguala na nova circunstância, a cor de “carvão”.

Andreza e Aranha formam uma espécie de “arranjo familiar” possível a escravos e libertos habitantes de núcleos urbanos. Os dois têm um filho dado a criar pela família de um “jornalista vibrante” e conhecido, que lhe dera um sobrenome e uma educação para dele fazer um “homem forte” e não um “bacharel qualquer” (ácida crítica á formação vazia dos filhos das famílias endinheiradas). Diante dos poucos recursos da respeitada família os pais naturais contribuíam amiúde com os custos de sua educação: “Andreza dividia com a família de Olivier o que ganhava, e Aranha raro era o dia que não levava um presente á venerada senhora que lhe criava o filho”.(MORAES,2000, p 48)

Aranha fora o primeiro homem que Andreza conhecera, com ele tivera o pequeno e por ele não fora esposada por um “desgosto” que fizera: circunstanciado pela condição do cativo: “seduzida por seu senhor moço traíra seu homem”. Tal desgosto tivera um fruto: João da Moda, “príncipe dos vencidos”, liberto já adulto por seu pai e senhor quando este, vendo a morte de perto pela perseguição que lhe imputava Aranha, pede-lhe abrigo, revela-lhe sua origem e lhe passa a alforria. Arrancado da mãe quando nascera e dado como morto por esta, João até então nada sabia de sua história. A sedução de Andreza pelo senhor e a suposta morte do fruto de tal enlace pontuam, também, na trama literária as contingências de

relações de intimidade entre escravos e do seu convívio com seus filhos. Nascimento Moraes não oblitera ao leitor o caráter violento das relações escravistas, mas, mesmo quando o faz, acentua as possibilidades de ação ao escravo. A ocultação da maternidade/paternidade de João da Moda dava-se pelo temor de seu proprietário de atíçar ainda mais os ímpetos de vingança do Aranha, “cachaceiro-mor e maior rolista da cidade”

Um personagem coletivo da escravidão também atua na narrativa: o feitor, tido como “terrível e bom, perverso e leal , há um tempo”. Pela pena de Carlos Bento, jornalista e professor que vivia á míngua e influenciava uma geração de pensadores, Nascimento Moraes atribui a decadência da lavoura pós 13 de maio, não à falta de braços, mas ao desconhecimento da lavoura e da criação por parte dos agricultores e fazendeiros que delegavam essas e outras funções ao feitor.

*O feitor mentia, abusava, esbordoava e matava com o consentimento do proprietário que não se podia furtar a satisfazer-lhe os desejos e os caprichos. Conhecia o proprietário mais que o proprietário o conhecia , era seu instrumento de todas as ocasiões e por isso ele avaliava bem de sua vilania, de sua covardia, de seus vícios e, por último, conseguia governar-lhe a vontade. O feitor era um homem necessário e preciso, que quase sempre se impunha nas fazendas porque sabia que sem a sua inteligência e seu braço, o senhor nada valia como homem e como trabalhador.(MORAES, 2000, p.83)*

Se nas relações com os proprietários o feitor é representado como sujeito que negocia, na sua relação com os escravos além da violência e da imposição da autoridade, sobressaem relações de favor

*O Feitor tinha manhas baixas e maneiras torpes que se adaptavam intrinsecamente ao meio, próprias daquela infeliz gente, inculta e ignorante que ele administrava. A meia dúzia de escravos de agrado, poupava, freqüentemente, no trabalho. Fazia intrigas. Os escolhidos por sua vez pediam regalias em benefícios de alguns companheiros de quem eram afeiçoados. Semelhante procedimento produzia clamor e censura, da parte dos que eram barbaramente fustigados, sem trégua e sem descanso no serviço (MORAES, 2000, p.84)*

Resume as tensões e negociações entre senhores, feitores e escravos na expressão: “A fazenda, em suma, era uma renhida luta, pavorosa a rugir, sedenta de vingança, sempre e sempre ateadada pela intriga” (MORAES, 2000, p.85). Mais uma vez o literato relativiza o poder de fato do proprietário sobre seus subordinados, representando-o como refém da sabedoria e do arbítrio do feitor, sem contudo ocultar a violência física e simbólica do cativo.

Se enquanto escravos tais personagens tinham ampla margem de ação na trama, no desenrolar dos anos que se seguiram à abolição e ao 15 de novembro de 1889, ganham expressão nos cenários urbanos ora pelo pauperismo e hábito de embriaguês, ora pela valentia e pela malandragem. Por vezes o literato acentua suas dificuldades econômicas, como ocorre com Olímpio, que, por dívidas adquiridas perde seu único bem, a meia morada que compartia

com Aranha, e, aquebrado pela idade, já quase cego, fica impossibilitado de exercer o ofício de sapateiro. Porém, se não havia um investimento em educação que possibilitasse aos egressos da escravidão ou aos marcados por ela (pretos e mulatos) as mínimas condições de sobrevivência, os laços de solidariedade entre os homens de cor, e entre estes e alguns “brancos” de famílias modestas permitiam a (re)invenção do cotidiano.

Assim, após a morte do jornalista João Olivier que criara seu filho, nhá Andreza deixa o cortiço onde vivia e passa a servir á mãe e às irmãs daquele que lhe criara o pequeno, dando, porém, amiúde, escândalos pelo hábito da embriaguês adquirido. Olímpio, após a invalidez, aconselha Aranha a seguir seu caminho, vendo-se condenado a uma única forma possível de sobrevivência: esmolar. Aranha se nega a abandonar o amigo e passa a fazer serões para suprir o sustento dos dois: “Enquanto puder irei trabalhando. Quando cegar então esmolarei contigo à caridade pública. Olha que dois a chorar, sempre arranjam mais do que um.” (MORAES,2000, p 102)

Cláudio, filho de Andreza e Aranha, fora criado por João Olivier para ser “um homem destemido e não um bacharel qualquer, forrado para resistir a insultos, pulso rigoroso para esmagar preconceitos, um polemista terrível que faça uma época e traga com a lâmina cortante de sua prosa, que há de ser castiça e fulgurante, o pêlo dos animais que nos maltratam”.(MORAES, 2000,92). Com a morte do pai adotivo, que chega a emigrar da província quando a situação torna-se irremediável para uma pena vibrante em meio a uma “imprensa indígena”, Cláudio toma para si a missão a que fora destinado. Na juventude funda o Grêmio Gonçalves Dias, porque havia “marasmo literário no Maranhão, dormindo as letras um sono condenador”. (MORAES, 2000, p.103)

È nítido o tom decadentista na interpretação da situação literária no Maranhão e emblemática a referência a um dos membros do Grupo Maranhense para nomear o grêmio. Numa metáfora à sua própria geração, os autodenominados Novos Atenienses, Nascimento Moraes, enfatiza a experiência, em curto prazo frustrada, das novas gerações dotadas de talento e criticidade confrontarem-se com os arraigados e abominantes costumes da terra. Cláudio Olivier é envolvido em uma intriga provinciana, por ter sido o amante escolhido de uma mulher cobiçada por muitos da “gente do alto”. O ataque a este, implica também no desbaratamento do Grêmio. A maioria dos gremistas dependia de mesada, morada ou emprego cedido por alguém que se relacionava às altas rodas.

Assim Nascimento Moraes constrói o retrato de uma cidade onde as letras não poderiam mais florescer, condenada que estavam ao eterno marasmo de uma imprensa indígena e de uma elite tacanha. Aponta também um fosso entre os jovens da arraia miúda que

freqüentaram boas escolas ou tiveram acesso desde cedo ao mundo das letras com os “trovadores de esquinas”, os “poetas das costureiras” que não tinham espaços nos jornalecos dos gremistas, mas conheciam por vezes autores e obras renomados de modo mais profundo que aqueles que se julgavam destinados a acordar as letras no Maranhão.

Esses outros poetas não se reuniam em grêmios, mas em orgias regadas a vinho barato e poesia. Na casa de João da Moda, ex-escravo e filho de seu ex-senhor, “príncipe dos vencidos”, reuniam-se ordinariamente os que não intentavam emigrar, nem acordar as letras do Maranhão, mas satisfaziam-se em ser cantados por trovadores de esquina e pelas “bacantes das horas caladas da noite” nesse “retiro do prazer, da literatura indígena, da ciência”. Palco de “orgia de rameiras e de homens de letras”, refúgio dos desgraçados, dos perseguidos, dos vencidos da vida” (MORAES, 2000,p 119)

Os personagens da casa de João da Moda não visam transformar a sociedade, contentem-se em sobreviver nela. Dessa forma, se enquadram no conceito de malandragem cunhado por DA MATTA(1997, p 172) : “de fato, o malandro não cabe dentro da ordem, nem fora dela,: vive nos seus interstícios, entre a ordem e a desordem, utilizando ambas.” O mundo do malandro, “sendo intersticial, é aquele universo onde a realidade pode ser lida e ordenada por meio de múltiplos códigos e eixos”. Sobre a malandragem de tais vencidos e degenerados, Nascimento Moraes constrói o protótipo possível do herói da “terra perdida”, aquele que não quer transformá-la como os jovens gremistas gonçalvinos, nem quer encarnar a pena cortante e imbatível que João Olivier buscou legar ao filho que, como ele, acaba emigrando por falta de opção.

Dois personagens advindos do núcleo de ex-escravos também encarnam tal heroísmo: Aranha, pela força, destreza e valentia, figura folclórica já ao seu tempo. Quando se queria dispersar um rolo, bastava dizer: “lá vem o Domingos Aranha”, e todos fugiam do maior rolista da cidade, apesar de já alquebrado pela idade. È ele também que salva o filho de uma emboscada, quando armado apenas com um lenço (pedaço de madeira), nocauteia seus cinco agressores, não deixando de repreendê-lo por armar-se com um revólver, que “não é arma de homem”.

O outro herói malandro é o ex-escravo, quase não escravo: Zé Catraia, bêbado, “sujo”, “homem do povo”, dono de seu ofício de sapateiro e sabedor “das misérias de sua terra, da hipocrisia de muita gente e do como dos capitais dos ricos” (MORAES, 2000,p 154). Assim o personagem se auto-define:

*Pois bem, eu sou o Zé Catraia, sabe disso? Ora quem dá importância ao Zé Catraia? Ninguém! Um bêbado que anda escornado pelas esquinas... um pobre diabo, imbecil cretino, como dizem os senhores que conhecem os termos da língua. Mas ah!È puro engano... Eu tenho uma cabeça... Sabe o que me falta? É cultura. Mas... como eu ia lhe dizendo. Ninguém dá importância ao Zé Catraia, mas o Zé Catraia sabe de tudo. (MORAES, 2000,p 146)*

Ainda conforme Da Matta (1997,p. 274) as ações do malandro, tecidas no interstício da ordem e da desordem, podem passar por situações muito mais ambíguas, “quando a distância entre a sagacidade e a ofensa social se confunde”. Assim de um palavrão soltado à toa para provocar à gente da ordem ao xingamento bem empregado que denota segredos da “gente do alto”, a bêbada sabedoria de Zé Catraia se equilibra na corda bamba, “fotografando a eterna comédia da vida”. Ele não sabe fazer versos, nem quer acordar a velha Atenas de seu sono duradouro, “não inveja a fortuna dos graúdos, nem lhes beija os calcanhares”. Aranha também não dispensa a velha cana capim, mas sempre equilibra o corpo alquebrado nas batalhas do dia-a-dia com graúdos e miúdos. Os bacantes da casa de João da Moda embriagam-se ordinariamente nas suas orgias de “homens de letras e ciências”, que não ultrapassam o arrabalde da cidade. Assim vencidos e degenerados, tais heróis e malandros, “heróis sem nenhum heroísmo” e “heróis sem nenhum caráter” sobrevivem na “terra perdida”. Enquanto isso a Atenas dorme.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **A ideologia da decadência:** uma leitura antropológica da História da agricultura no Maranhão. São Luís: FIPES, 1982
- BORRALHO, José Henrique de Paula. **Terra e céu de nostalgia:** tradição e identidade em São Luís do Maranhão. Assis, SP; UNESP, 2000. (Dissertação de Mestrado)
- BRAS, Helayne Xavier. **Rachaduras no espelho de Narciso:** vencidos e Degenerados de José Nascimento Moraes e as representações de São Luís do Maranhão em meados do século XX. São Luís: UFMA, 2008. (Monografia de graduação)
- CÂNDIDO, Antônio. **Dialética da malandragem** in Revista do instituto de estudos Brasileiros. São Paulo, USP, nº8, 1970, p 67-89.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade:** uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORREA, Rossini. **Formação social do Maranhão:** o presente de uma arqueologia. São Luís, SECMA, 1993
- DA MATTA, Roberto,. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MARTINS, Manoel Barros. **Operários da saudade:** os Novos atenienses e a invenção do Maranhão. São Luís, EdUFMA, 2006.
- MORAES, José do Nascimento **Vencidos e degenerados.** São Luís: Centro cultural Nascimento Moraes, 2000
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano- Paris, rio de Janeiro, Porto alegre. Porto alegre, Editora UFRGS, 1999.
- SILVA, Eduardo; REIS, João José. **Negociação e conflito:** a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.